



# ASJ

ASSOCIAÇÃO DOS SERVIDORES DA JUSTIÇA  
DO RIO GRANDE DO SUL

NOSSOS SÍMBOLOS:  
NOSSO ORGULHO!

ACAMPAMENTO FARROUPILHA 2008



## NOSSOS SÍMBOLOS: NOSSO ORGULHO!

A humanidade se expressou por meio de diversas linguagens ao longo dos tempos. Nessa jornada, os símbolos ganharam importância, seja na elaboração de uma linguagem escrita, seja na expressão máxima da cultura de um povo. A ASJ reúne nessa obra um breve relato sobre os principais expoentes da cultura e tradição do Rio Grande do Sul com o objetivo de lembrar aos gaúchos sua origem e seus princípios.

### Bandeira

A bandeira é o símbolo máximo de uma nação ou estado. No RS, os fatos políticos e os conflitos pela posse de terras também imprimiram seu legado na bandeira.

A autoria da obra ainda é discutida e alvo de conflito entre pesquisadores. A única certeza é que foi a Revolução Farroupilha que inspirou as linhas utilizadas para sua concepção. Segundo alguns autores, a bandeira

gaúcha foi desenhada em Buenos Aires, por Tito Lívio Zambeccari, republicano italiano que veio para o Rio Grande do Sul e lutou ao lado dos revolucionários, sendo braço direito do General Bento Gonçalves. Já Dante de Laytano, em sua obra História da República Rio-grandense, acredita que a bandeira foi desenhada por João de Deus, um republicano paulista.

A simbologia das cores vermelha, amarela e verde que estão impressas na bandeira gaúcha também é alvo de controvérsia. Uma das versões mais aceitas está publicada em jornal da época da revolução, chamado “O Republicano”. A nota – que está reproduzida na obra da Revolução Cisplatina, de Alfredo Varela - foi editada em 21 de Fevereiro de 1837 e define:

- o verde significa a esperança republicana de manter a independência;
- o amarelo é um sinal de firmeza e resolução dos planos;
- o vermelho é o prenúncio de luta contra quaisquer que o queira dominar. O vermelho também é a cor republicana.

Ainda há correntes que acreditam que o simbolismo das cores não influenciou o autor da bandeira. “Vejo o verde e amarelo imperiais separados pelo vermelho republicano. Com certeza este é o seu significado maior: A bandeira de um novo país republicano, separado do império pela força das armas”, comentou o autor Romualdo Negreiros.

Sobre o brasão, também há muitas versões. Uma das teorias é a de Walter Spalding, que alega que o referido brasão é composto de um escudo. Em um paralelogramo de ouro, inscrito na parte média do escudo, um barrete vermelho, sobre um punhal ou sabre, posto em pala, tendo aos lados dois ramos de louro e de erva mate. Na parte superior do escudo, uma roseta amarela e outra na parte inferior. Aos lados, assenta sobre uma colina verde, duas colunas amarelas, também assentadas sobre colinas verdes. O todo é inserido, num oval azul orlado de amarelo. Ao redor desse brasão, são vistos os troféus de armas e quatro bandeiras republicanas, sendo duas de cada lado, tal como a criada pelo decreto de 12 de Novembro de 1836.

Naquela época, nenhuma palavra ou frase constava no brasão. Os dizeres “Liberdade, Igualdade e Humanidade”, que aparecem nas bandeiras oficializadas a partir de 1891, nunca fizeram parte do verdadeiro brasão. No entanto, os dizeres foram usados pelos republicanos, a partir de 1839.

Importante alertar que o brasão, apesar de ter oficialmente existido durante a revolução republicana, jamais foi empregado como parte integrante da bandeira oficial. Ou seja, ele nunca se afastou daquele decreto de 12 de Novembro de 1836, pelo qual fora criado. Portanto, a bandeira republicana surgiu em 1836, era quadrada, contendo aquelas cores já referidas e sem o brasão, embora este existisse oficialmente.

O brasão da bandeira também traz influência da Maçonaria. As rosáceas que se transformarão em estrelas, são as rosáceas do Sephiroth da Cabala. E as colunas são Jakin e Boaz, que simbolizam, na maçonaria, o espírito e a matéria, respectivamente.

### Erva-Mate

A Erva-mate (*Ilex paraguariensis*) é uma árvore da família das aquifoliáceas, originária da região subtropical da América do Sul, presente no sul do Brasil, norte da Argentina, Paraguai e Uruguai. Os indígenas das nações Guaraní e Quíchua tinham o hábito de beber infusões com suas folhas. Hoje, este hábito continua popular nestas regiões, consumido como chá quente ou gelado, ou como chimarrão (Rio Grande do Sul, Uruguai e Argentina) e tereré (Paraná, Mato Grosso do Sul e Paraguai).



Phyzone/Wikipedia

A planta pode atingir 12 metros de altura, tem caule cinza, folhas ovais e fruto pequeno e verde ou vermelho-arroxeados. As folhas da erva-mate são aproveitadas também na culinária. A palavra mate deriva do quíchua *mati* que designa a cuia, ou seja, o recipiente onde o chá era bebido ou sorvido por um canudo (bomba). O hábito ainda hoje é muito popular em todo o sul da América do Sul e no Brasil.

As cidades de Canoinhas (SC) e Ilópolis (RS) são consideradas capitais da Erva-Mate.

### Quero-Quero

O quero-quero (Brasil) ou abibe-do-sul (Portugal) (*Vanellus chilensis*), também conhecido por tetéu, téu-téu, terém-terém e espanta-boiada, é uma ave da ordem dos Ciconiiformes (anteriormente Charadriiformes), pertencendo a família dos Charadriidae. O nome é uma referência a seu estilo de canto.

Trata-se de uma ave do tamanho de uma perdiz e caracteriza-se pelo colorido geral cinza-claro, com ornatos pretos na cabeça, peito e cauda. A barriga é branca e a asa tem penas verde-metálicas. Apresenta um penacho na região posterior da cabeça; o bico, os olhos e as pernas são avermelhados e tem um par de esporões ósseos de 1 cm no encontro das asas.

O quero-quero é uma ave típica da América do Sul, sendo encontrado desde a Argentina e leste da Bolívia até a margem direita do baixo Amazonas e, principalmente, no Rio Grande do Sul, no Brasil. Habita as grandes campinas úmidas e os espreiados dos rios e lagoas.



Alonso Lima/SXC.hu



Ivan de Andrade

Além de ser um dos símbolos do Rio Grande do Sul, devido à vasta proliferação do animal nas diversas regiões do RS, a ave é tida como sentinela, um “cão-guardião” do território, que está sempre atento e pode prever com antecedência a presença de qualquer intruso. O quero-quero acabou sendo consagrado como a Ave-Símbolo do Estado pela Lei 7418 de 01/12/1980. Mas o pássaro, ainda não satisfeito, continua querendo e hoje é a mais cotada ave para tornar-se Símbolo Nacional.

## Brinco de princesa

Flor símbolo do Rio Grande do Sul, o brinco-de-princesa ou fúcsia é uma planta que faz um enorme sucesso internacional. Possui muitas variedades, sendo que tanto pétalas, quanto sépalas podem ser de cores e de formas diferentes.

As cores mais comuns são vermelho, rosa, azul, violeta e branco, com diversas combinações, sem mesclas. A ramagem é pendente, mas pode haver variações, com plantas mais eretas.



## Cavalo Crioulo

Em 1493, os cavalos espanhóis pisam pela primeira vez em terra americana, na ilha La Espanola, hoje São Domingos, e são os antepassados diretos, de todos os cavalos Crioulos americanos. Uma vez aclimatado ao novo ambiente e, incrementada sua criação com as importações realizadas posteriormente, reproduziu-se com rapidez e chegou a diver-

sas outras regiões do Continente. O Panamá e a Colômbia foram as primeiras regiões em importância na produção de rebanhos. Do Panamá passaram ao Peru, e ali começaram a multiplicar-se a partir de 1532, e é também ali que chegam, em 1538, cavalos provenientes da criação de Santiago de Uruba (Colômbia).

Charcas se transforma em um importante centro produtor de eqüinos. Contemporaneamente, Pedro de Mendonza (1535) e Alvar Núñez Cabeza de Vaca (1541) introduzem cavalos diretamente da Espanha, no Rio da Prata e no Paraguai. Alonso Luis de Lugo se compromete a levar da Espanha, para conquista de Nova Granada, 200 cavalos e Hernando de Soto sai de San Lúcar de Barrameda (1538), com cem cavalos para sua expedição na Flórida. A partir deste momento, começa um verdadeiro intercâmbio de rebanhos eqüinos entre as distintas regiões.

A criação de cavalos se inicia nas reduções do Rio Grande do Sul, em 1634, com os exemplares trazidos pelos padres jesuítas Cristóbal de Mendonza e Pedro Romero, desde Corrientes. Paralelo a este movimento de rebanhos mansos, com o passar dos anos, o número destes foi aumentando na forma tal que superou as possibilidades ou as necessidades dos primeiros habitantes, de mantê-los sob controle. Com isso, o primitivo rebanho crioulo se dispersou, formando enormes rebanhos selvagens, que no México e Estados Unidos chamaram de “mesteños” e “mustangs” e “cimarrones” nas ilhas e América Central.

Hoje, o cavalo crioulo é símbolo do Estado e até mesmo de status.



Mauro Matos

## Macela

A macela (*Achyrocline satureioides*) é uma erva da flora brasileira também conhecida por macela-do-campo, macelinha, macela de travesseiro, carrapichinho-de-agulha, camomila nacional etc. Popularmente, em algumas regiões, é também chamada de “marcela” e é uma das plantas mais utilizadas em medicina popular no Rio Grande do Sul.

Seu habitat natural é a América austral oriental, florescendo espontaneamente no Uruguai, Paraguai e sul do Brasil. No Estado, cresce abundantemente sob forma de vegetal silvestre, tanto em solos arenosos como em basálticos. É um arbusto perene que atinge cerca de um metro de

altura e que, na Região Sul, costuma florescer no mês de março. As flores são amarelas, com cerca de um centímetro de diâmetro e agrupadas em pequenos cachos. As folhas são finas e de cor verde-claro, meio acinzentada, que se destaca do restante da vegetação do campo.

Especificamente no Rio Grande do Sul, há a tradição de colheita da

macela na Sexta-Feira Santa, antes do sol nascer. Acredita-se que a colheita nesse dia traga mais eficiência ao chá das flores. Sua coleta é cercada de misticismo e religiosidade, pois o povo acredita que a macela só terá ação terapêutica se for colhida na Semana Santa.

O vegetal tem sido objeto de numerosos trabalhos no Brasil, nos países da América do Sul e também na Europa. No Rio Grande do Sul, e em especial na UFRGS, constituiu temas de diversas dissertações de Mestrado, nas Faculdades de Farmácia e de Agronomia. Foi, também, assunto de tese de Doutorado na Alemanha (Fakultät für Chemie und Pharmazie, Ludwig-Maximilians-Universität).



Simeon Stehry/Wikipeidia

Na justificativa do Projeto de Lei que tornou a planta símbolo do RS, a deputada Jussara Cony destaca o significado da macela sob o ponto de vista econômico, científico, tecnológico, cultural, da saúde e da soberania do país.

## Chimarrão

Mate amargo que se toma numa cuia de porongo por uma bomba de metal. Atribuem-se ao chimarrão propriedades desintoxicantes, particularmente eficazes numa alimentação rica em carnes. A tradição do chimarrão é antiga. Soldados espanhóis aportaram em Cuba, foram ao México “capturar” os conhecimentos das civilizações Maia e Azteca, e, em 1536, chegaram à foz do Rio Paraguay. No local, impressionados com a fertilidade da terra, fundaram a primeira cidade da América Latina, Assunción del Paraguay.

Lá, os colonizadores notaram que os índios de Guáira eram mais fortes do que os guaranis de qualquer outra região, mais alegres e dóceis. Entre seus hábitos, havia o uso de uma bebida feita com folhas fragmentadas que, chamavam de caá-i (água de erva saborosa). Segundo eles, seu uso fora transmitido por tupã. Os conquistadores provaram o chimarrão e constataram que alguns poucos goles davam uma sensação de bem-estar ao organismo. De volta a Assunção, os soldados levaram um bom carregamento de erva. Em pouco tempo, o comércio da



Eduardo Cesario/SXC.hu

erva-mate se tornava o mais rendoso da colônia. O uso do chimarrão se estendeu às margens do Prata, conquistou Buenos Aires, transpôs os Andes, chegou a Potosi. O chimarrão também fez a riqueza dos jesuítas que se estabeleceram no Guaiá, ao sul do Paranapanema e nos Sete Povos, à margem oriental do Uruguai. Fazendo plantio de ervais, inventaram a caá-mini, pó grosso de erva-mate, que passou a valer três vezes mais.

Os bandeirantes invadiram as Missões do Guaiá em 1638, descobriram também a erva-mate e a levaram para São Vicente. Por sua vez, os tropeiros que vinham de Minas Gerais comprar mulas nos Campos Gerais, voltavam com grandes carregamentos de mate. Assim, o chimarrão se espalhava pelo país

Os desbravadores, nômades por natureza, com saudades de casa e longe de suas mulheres, estavam acostumados a grandes “borracheiras”. No dia seguinte, acordavam com uma ressaca proporcional. Os soldados observaram que, tomando o estranho chá de ervas utilizado pelos índios Guarany, a ressaca sumia por completo. Assim, o chimarrão começou a ser transportado pelo Rio Grande na garupa dos soldados espanhóis.

Atualmente, a Argentina é o maio exportador, com 38 mil toneladas, em 1995 e o maior produtor com 780 mil toneladas. Em segundo vem o Brasil com 550 mil toneladas produzidas e 26.422 exportada nesse mesmo ano. O outro país que desenvolve a cultura é o Paraguai, com uma produção de 64 mil toneladas e 112 toneladas exportadas. O chimarrão também é consumido no Chile e no Uruguai, que apresenta o maior consumo per capita 8-10 kg/hab/ano, enquanto na Argentina se situa ao redor de 6,5 kg/hab/ano e, na região sul do Brasil, entre 3 e 5 kg/hab/ano.

## Churrasco

Na pré-história, o homem era essencialmente caçador. Quando descobriu o fogo, passou a utilizar-se do cozimento, uma das mais antigas formas de preparo de alimentos. Hoje, diante das diferentes formas de cozimento - por via seca (assado ou grelhado) e por via úmida (cozido, no bafo ou fritura) - o homem tem uma variedade de escolhas à mão. Mesmo assim, o uso do fogo direto ainda é tradição, principalmente no Sul do País.

A carne no espeto é um alimento não só preparado com facilidade e higiene, mas também de preço acessível a todas as camadas da população. No entanto, nem sempre foi assim. Segundo texto de Pedro Fávoro Júnior, muito tempo decorreu para que o churrasco dos pampas pudesse tornar-se até um prato sofisticado, consumido nos melhores restaurantes do país. Originário do Rio Grande do Sul, surgiu, no século XVII, nas imensidões dos pampas, quando essa parte do Brasil, disputada por castelhanos e paulistas, era ocupada por milhares de cabeças de gado selvagem, oriundas de Buenos Aires e de outras áreas da Argentina. A princípio, o churrasco - na forma pela qual o conhecemos - era raríssimo, pois, naquela época, não havia a preocupação com o comércio

da carne bovina, mas sim com a obtenção de couro e de sebo. Para isso, realizavam-se as vacarias (matanças de gado), quando os vaqueiros, depois de correrem, cercarem e matarem os bois, cortavam o pedaço mais fácil de partir e o assavam inteiro num buraco aberto no chão, temperando-o com a própria cinza do braseiro, o que pode ser considerado a origem mais remota do churrasco. Os restos dos bois, como não havia como conservar tanta carne, eram abandonados, apodreciam ou eram consumidos por aves de rapina ou outros animais.

No final do século XVII, o churrasco tornou-se uma prática mais difundida, criando-se, assim, novas técnicas para o seu preparo. Passou-se a temperar a carne com a carona, nome dado pelos gaúchos às duas abas de couro que se colocam embaixo da sela do cavalo. A carona, como estava impregnada do suor do animal, ajudava a salgar a carne.

Com o tempo, o churrasco foi sendo aperfeiçoado. Surgiram os cortes especiais da carne: a costela, a paleta e o matambre - este último nome proveniente do espanhol mata hambre (mata fome) pelo fato de ser um pedaço de carne duro e de cozimento demorado, em geral o primeiro a ser comido pelo gaúcho. A carne bovina, abundante na região, transformou-se no alimento básico do gaúcho, que a comia em grande quantidade (quase dois quilos por dia).

## Hino

O Hino Rio-Grandense que cantamos hoje apresentou muitas versões desde sua criação. Num espaço de tempo de quase um século foram utilizadas três letras diferentes. A história real do Hino começa com a tomada da então Vila de Rio Pardo, pelas forças revolucionárias farroupilhas. Ocasão em que foram aprisionados membros da banda do Exército Imperial. E o mestre desta banda musical, Joaquim José de Mendanha, mineiro de nascimento que também foi feito prisioneiro era um músico

muito famoso e considerado um grande compositor. Após a sua prisão, Mendanha teria sido convencido a compor uma peça musical que homenageasse a vitória das forças farroupilhas, ou seja, a brilhante vitória de 30 de abril de 1838, no célebre “Combate de Rio Pardo”.

Diante das circunstâncias, Mendanha resolveu compor uma música que, segundo alguns autores, era um plágio de uma valsa de Strauss. Entusiasmado, o capitão Serafim José de Alencastre, pertencente às hostes farrapas e que também era versado em música e poesia, escreveu letra alusiva à tomada de Rio Pardo.

Quase um ano depois, foi composta uma nova letra por autor desconhecido. O jornal “O Povo”, considerado o jornal da República Riograndense em sua edição de 4 de maio de 1839 chamou-o de “o Hino da Nação”. Após o término do movimento, apareceu uma terceira letra, de Francisco Pinto da Fontoura, vulgo “o Chiquinho da Vovó”. A terceira versão foi a que mais caiu no gosto popular. A letra deste autor é basicamente a mesma adotada como sendo a oficial até hoje, mas a segunda estrofe, que foi suprimida posteriormente, era a seguinte:

Entre nós reviva Atenas  
Para assombro dos tiranos;  
Sejamos gregos na glória,  
E na virtude, romanos.

As três letras foram interpretadas até meados de 1933, ano em que estavam no auge os preparativos para a “Semana do Centenário da Revolução Farroupilha”. Quando um grupo de intelectuais resolveu escolher uma das versões para ser a letra oficial do hino do Rio Grande do Sul. O hino foi então adotado naquele ano de 1934, com a letra total conforme fora escrito pelo autor. Em 1966, o hino foi oficializado como Hino Rio-Grandense, por força da lei 5213 de 05 de janeiro de 1966, quando foi suprimida a segunda estrofe.



# HINO RIO-GRANDENSE

Letra: Francisco Pinto da Fontoura

Música: Joaquim José de Mendanha



(Estribilho)

Como a aurora precursora  
do Farol da divindade,  
foi o vinte de setembro  
o precursor da liberdade.

Mostremos valor constância  
nesta ímpia e injusta guerra;  
sirvam nossas façanhas  
de modelo a toda a terra.

Mas não basta pra ser livre  
ser forte, aguerrido e bravo;  
povo que não tem virtude  
acaba por ser escravo.

## Expediente

Organização Responsável:  
Associação dos Servidores da Justiça do Rio Grande do Sul (ASJ)  
D.T.G. Morro da Tapera  
Patrão – presidente **Paulo Sebastião Gonçalves Olympio**  
Capataz – 1º secretário Zélio Freitas Santos  
Guaíaca – funcionário Leonardo Soares  
Ricardo  
Coordenação – tesoureiro geral Carlos Oliveira Jaques Neto  
Colaboração – Carolina Jardine  
Projeto Gráfico - StaStudio.com.br

## Bibliografia

BONES, Elmar  
*História Ilustrada do Rio Grande do Sul* (Já Editores)  
BRANCO, Pércio de Moraes  
*Os Dez Mandamentos do Chimarrão Branco* (Almanaque Tchê)  
CANABARRO Rocha, João Jaime  
*Revolução Farroupilha Heróis e Traidores* - pág. 94.  
CONY, Jussara  
*Projeto de Lei Nº 224/2001*  
FAGUNDES, Antonio Augusto  
*Mitos e Lendas do Rio Grande do Sul*  
LESSA, Barbosa  
*Estórias e Lendas do Rio Grande do Sul* (Gráfica EDIGRAF

Ltda; SP)  
PORTO, Lucia  
*"Cua de cristal ameaça a tradição"* (jornal Zero Hora)  
RIBEIRO, Clóvis  
*Brazões e bandeiras do Brasil, 1933.*  
SANTOS, Júlio R. Quevedo, José Tamanquevis  
*Rio Grande do Sul: aspectos da história. 7 ed. Porto Alegre (Martins Livreiro Ed., 2002)*  
TEIXEIRA, Ana Lúcia E OUTROS  
*Cavalo Crioulo. O símbolo do Rio Grande do Sul Porto Alegre (Centhury Artes Gráficas, 2007)*  
VOLPATTO, Rosane  
texto publicado no site [www.rosanevolpatto.trd.br](http://www.rosanevolpatto.trd.br)

[www.riogrande.com.br](http://www.riogrande.com.br)  
[www.riograndelivre.net](http://www.riograndelivre.net)  
[www.mtg.org.br](http://www.mtg.org.br)  
[www.wikipedia.com](http://www.wikipedia.com)  
[www.abccc.com.br](http://www.abccc.com.br)  
[www.chimarao.com](http://www.chimarao.com)  
[www.ochurrasqueiro.com.br](http://www.ochurrasqueiro.com.br)  
[www.cavalocrioulo.hpg.com.br](http://www.cavalocrioulo.hpg.com.br)  
[www.bandeira1.com.br](http://www.bandeira1.com.br)  
[www.jardineiro.net](http://www.jardineiro.net)  
[www.paginadogaicho.com.br](http://www.paginadogaicho.com.br)